

---

## EDITORIAL: A EDUCAÇÃO CONTINUADA, COTIDIANOS E PRÁTICAS CULTURAIS

O dossiê deste número tem como temática a *educação continuada, cotidianos e práticas culturais*, e resulta da fértil parceria da UERJ com a UFRN e com a UFAL, que coordena o projeto Procad/Casadinho. O dossiê intentou aprofundar questões de pesquisa que a referida temática envolve.

Desenvolvido sob o olhar de pesquisadores – professores e orientandos –, demonstra a investigação e a decorrente produção consistente que se tem no enlaçamento das perspectivas epistemológicas e teóricas que se puseram em diálogo no projeto apoiado pelo CNPq, anunciando modos de fazer pesquisa e interagir em prol da ampliação do conhecimento científico – razão de ser da pós-graduação.

Mais do que resultado de uma pesquisa em rede, os artigos anunciam as *redes de pesquisa* que se formam entre essas universidades, guardando disposições coletivas de diálogo e de imbricamento de concepções, o que se faz estimulados pelas parcerias no país e com outros centros internacionais que a rede alcança.

É o caso do artigo de Paulo Marinho, da Universidade do Porto e Elisa Carvalho, parceiros da UFAL, quando dialogam sobre a temática que nos instiga permanentemente, ao expandir o olhar *Da particularidade à globalidade dos discursos de uma nova era, buscando a essência da “coisa” ou a “coisa” da essência*, e concluindo que o consenso sobre a “nova coisa” entre os teóricos está longe de se concretizar, e que os discursos produzidos sobre fatos vivenciados atropelam-se na contextualização e definição da modernidade e pós-modernidade.

Elisabeth Valle, tomando a relação entre *emancipação social* e educação de jovens e adultos, promove reflexões a partir dos postulados de Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, autores que vêm balizando o campo, e encontra, por meio dessas reflexões, indícios de práticas educativas emancipatórias nos “currículos praticados”, decorrentes de diferentes *saberes-fazeres* produzidos cotidianamente, pelos sujeitos da EJA.

Iniciado o dossiê com estas discussões, os demais textos, ao perseguirem as temáticas, apresentam a variedade de concepções que epistemologicamente animam os pesquisadores, forma como André Lázaro e Jorge Teles – à distância da função gestora exercida – lançam visadas sobre o legado da CONFINTEA VI que, ao mobilizar pesquisadores, gestores, professores e movimentos

---

sociais para a Conferência, incidiu decisivamente no modo de o Brasil lidar com a educação como direito de jovens e adultos não alfabetizados ou com baixa escolaridade, potencializando o campo dessa educação pelo diálogo estabelecido, que envolveu educação formal e não formal.

Nesse legado, a diversidade tem lugar de destaque, e Roberto Chaua se questiona quanto ao que fazer com as “tradições que julgamos encontrar ou existirem”; que lugar ocupam, se é que este existem, no jogo da modernidade. Um diálogo que aproximará a leitura e as reflexões de Chaua das de Deiseane Oliveira e Nadja Naira Ribeiro que, provocadas pela *palavra de ordem diversidade cultural* na educação de jovens e adultos, argumentam com relativa ironia, se esta não seria uma forma de apagamento das desigualdades sociais, ocultadas pelos discursos legais sob o signo da tolerância.

Na perspectiva de preservar o direito à diferença, Neiza Fumes, David Calheiros, Elisângela Mercado, Franci Kelle Silva, Marily Barbosa e Soraya Santos, tratando da educação de pessoas com deficiência, afirmam que foram necessárias mudanças significativas no modo de conceber a diferença e a ruptura com os modelos educativos até então hegemônicos, para garantir o direito à educação a todos. Sob essa perspectiva, discutem a formação de professores de Salas de Recursos Multifuncionais no município de Maceió/Alagoas.

Propondo a compreensão de como se constitui a docência com educadores de jovens e adultos de uma escola pública de Vitória da Conquista/BA, no cotidiano em que aqueles operam a profissão docente, José Jackson dos Santos e Márcia Gurgel Ribeiro dialogam sobre experiências e saberes profissionais docentes, apontando o imbricamento entre dimensões pessoais e profissionais no tornar-se professor.

Seguindo ainda a linha de pensar a prática e a formação docente, Cátia Vianna apresenta os *museus* como instituições em que se realizam práticas culturais, e que educam na sociedade, para além da escola, e sua constituição como potenciais espaços de educação continuada para professores de EJA, a partir do reconhecimento de sua função social na contemporaneidade.

A discussão da temática vai, ainda, ao encontro da memória de sujeitos sertanejos a que Jailson da Silva e Marinaide Freitas deram voz, em busca de compreender impactos/contribuições de ações de alfabetização do Mobral, após quatro décadas, para ex-alfabetizados do município de Santana do Ipanema / Alagoas, no período de 1970-1985, referenciados em um contexto histórico social marcado pela negação de direitos.

Por fim, a seção entrevista, deste número, homenageia o saudoso cineasta Eduardo Coutinho, morto em fevereiro último, reeditando uma entrevista feita com ele em 7 de agosto de

---

1999, quando participava, documentando, da experiência de moradores do bairro de Rancho Fundo, em Nova Iguaçu, associados em luta por direitos que lhes assegurassem melhores condições de vida. A luta ensina, e nela os sujeitos se educam.

A leitura da entrevista, inteiramente atual, faz refletir sobre o método de pesquisa de Coutinho no fazer *documentário*, o que ajuda e desperta pesquisadores para os percursos do cineasta, e remete, ainda, ao desejo de que o cinema e a ética que Coutinho imprimiu ao filme documentário se estenda a outros recursos que lidam com linguagens diversas, com imagens, em processos de emancipação de sujeitos, no desafio de aprender por toda a vida, continuamente.